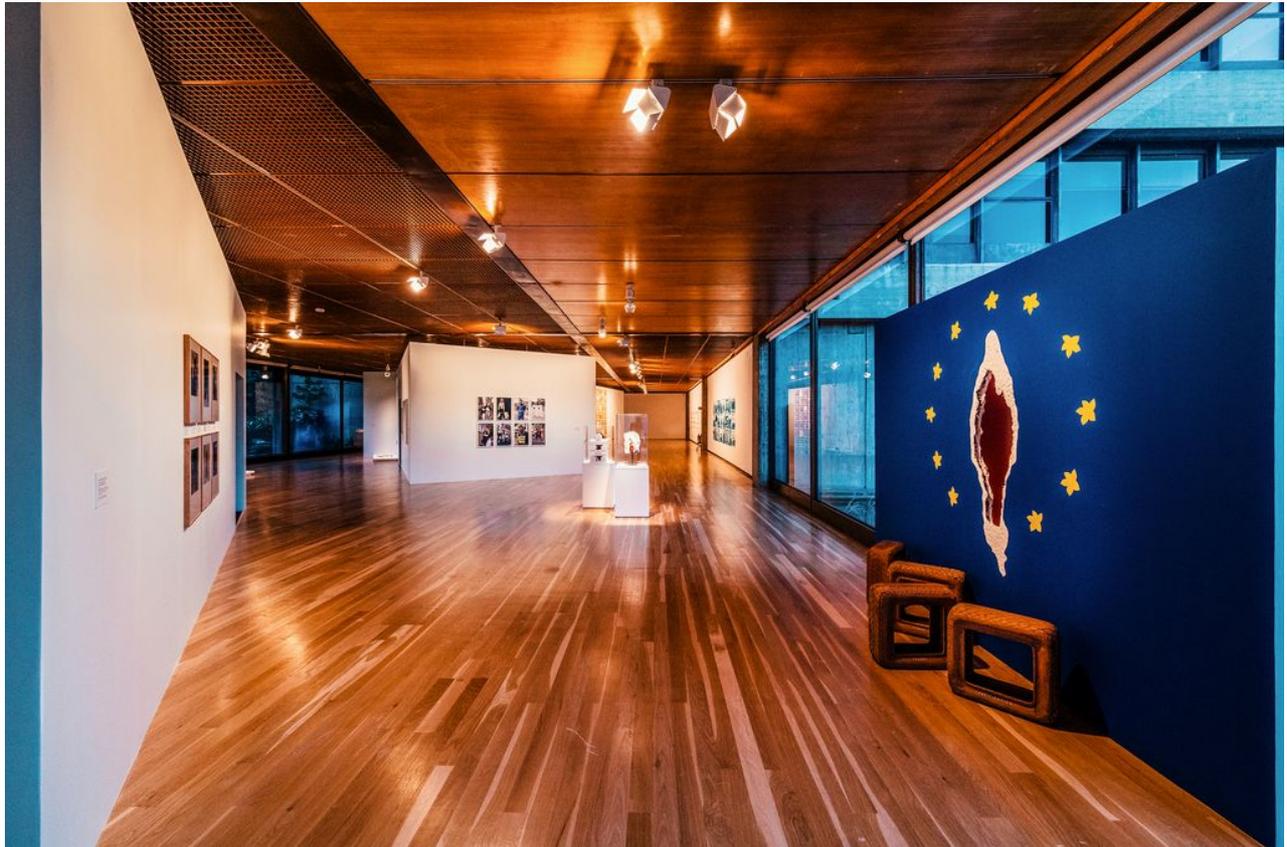


Semanário | Contos da Afro-Europa

leitor.expresso.pt/semanario/semanario2577/html/revista-e/culturas/exposicoes/contos-da-afro-europa



Esta não é uma exposição sobre África ou sobre a Europa, mas sobre os múltiplos fluxos que as unem
Pedro Pina/FCG

Artistas herdeiros dos fluxos migratórios movimentam-se entre os traumas do passado e os desassossegos do presente

texto Celso Martins

Num dos comentários que acompanham as fotografias da série “Afro Descendentes”, de Pauliana Valente Pimentel, o artista são-tomense René Tavares diz que “ser europeu representa o homem novo no contexto global”. Com todas as ressonâncias ideológicas que a expressão “homem novo” transporta, a frase carrega consigo uma ironia histórica particularmente agriçoce: o lugar de irradiação do colonialismo, da exploração e da escravatura foi, frequentemente, o destino contemporâneo daqueles que, no Hemisfério Sul, procuraram uma vida melhor. Esse arco, cuja trajetória transformou o “velho mundo” num complexo e paradoxal “mundo novo”, condena-nos a todos a um reencontro com a história que põe frente a frente as origens e o presente, o trauma e a esperança, a violência colonial e todos os projetos de emancipação. É a essa condição que se dirige a ambiciosa exposição “Europa Oxalá”, produzida pela Fundação Gulbenkian, o centro de Estudos Sociais de Coimbra, o AfricaMuseum de Tervuren (Bélgica) e o MUCEM de Marselha (França). Com curadoria de António Pinto Ribeiro e dos artistas Katia Kameli e Aimé Mpane, reúne 21 artistas, de origem africana, de segunda e terceira geração, que

nasceram, vivem ou trabalham na Bélgica, em Portugal ou na França. Essa ponte entre o passado e o presente está expressa de forma particularmente feliz no título escolhido que tanto evoca uma divindade sincrética de origem africana como a palavra aportuguesada para “se deus quiser”.

Transversalmente, trabalha-se sobre o conceito de “pós-memória” que lida com o trauma e a experiência narrados por pais e avós, o que gera novas construções críticas a partir de outras sedes. Tomando este conceito comum, a exposição estabelece um heterodoxo painel de aproximações quer quanto aos temas que aflora quer quanto às estratégias de interpelação da memória pessoal e coletiva.

Há abordagens de reconstrução arquivística como as que Mónica de Miranda leva a cabo em “Tales of Lisbon” (2020) reunindo imagens de objetos deixados para trás por pessoas expulsas de bairros demolidos e que agora ganham uma leitura geracional mais aberta; ou de cesura e sutura de representações coloniais como nas impressões de Malala Andrialavidrazana.

Outras imagens interpelam diretamente o presente, seja de forma documental, como nas fotografias de Mohamed Bourouissa, nascido na Argélia, que foi ao encontro dos jovens das periferias parisienses que usam a moda e o hip-hop para ludibriar a exclusão; ou fazem a ponte entre tempos, como o angolano Délio Jasse, que explora de modo ‘rauschenberguiano’ a retenção fantasmagórica da fotografia para revelar as transições económicas através da arquitetura.

Também com um certo efeito de redemoinho visual se podem identificar os desenhos de Nú Barreto com a sua energia exasperada ou a nuvem de referências que habita o desenho de Francisco Vidal. O humor e a ironia intercetam as intervenções de Márcio Carvalho cujos desenhos evocam a estatuária celebrativa aqui derrotada por atletas de artes marciais; e espreguiça no vídeo “Khtobtogone”, de Sara Sadik, que mimetiza o género do filme de aventuras em torno da vida de um estafeta. Imagens mais ilustrativas e, nesse sentido, menos interessantes são veiculadas nas instalações de Aimé Mpane (uma bandeira da União Europeia atravessada por um orifício vaginal e uma última ceia multicolor); na peça “Dada”, de Sabrina Belouaar, algo simplista na sua evocação da escravatura; ou no globo alucinado de Fayçal Baghriche que sinaliza a globalização.

Algumas das participações mais fortes são, porém, irreduzíveis à cristalização de um tema ou imagem lineares, como os desenhos (vistos recentemente), de Pedro A.H. Paixão, repletos de indícios histórico-biográficos densamente combinados; as esculturas de John K. Cobra que hibridizam e re-simbolizam elementos comuns de uma história afro-europeia; os enigmas objetuais de Djamel Kokene-Dorléans que ensaiam relações com a imagem fotográfica; os espectros translúcidos de Sandra Mujinga que equacionam a sobre-exposição cibernética; ou o trabalho de Josèfa Ntjam, artista multidisciplinar que entrelaça anacronismos digitais com visões ancestrais e mitologias ficcionadas com uma

espessura psicadélica. No vídeo “Mélas de Saturne”, ela repete a frase “In the Loneliness of collectivity, I am persona”. A Persona, a máscara que viaja connosco desde as tragédias gregas, sinalizando papéis e personagens, transforma-se, na nossa modernidade líquida, num gerador de negociadas mas irrepetíveis autonarrativas.

Esta é uma exposição em rede, em mais do que um sentido. Por um lado, vive na própria interceção cultural e bordeja os seus conflitos; por outro, as estratégias criativas e a estética de uma boa parte das inclusões assume, ela própria, um carácter transitivo entre media e convocações culturais, signos e imagens, tempos e geografias, modos de (re)fazer e de representar. Por isso, esta não é uma exposição sobre África ou sobre a Europa, mas sobre os múltiplos fluxos que as unem e a(s) coisa(s) outra(s) que esse encontro gera, feitas de perda e acrescento.